

## Sair para o Café:

Uma Etnografia do Processo Migratório em Famílias Camponesas

Verena Sevá Nogueira

**Como citar:** NOGUEIRA, Verena Sevá. Sair para o café: uma Etnografia do Processo Migratório em Famílias Camponesas. In: **TEIXEIRA, P. E.; BRAGA, A. M. C. BAENINGER, R. (org). Migrações: implicações passadas, presentes e futuras.** Marília: Oficina Universitária, p. 187-208, 2012.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-267-3.p.187-208>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição- NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# SAIR PARA O CAFÉ: UMA ETNOGRAFIA DO PROCESSO MIGRATÓRIO EM FAMÍLIAS CAMPONESAS

*Verena Sevá Nogueira*<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

Reginaldo é como tantos outros rapazes de vinte anos que mora na zona rural de Aracatú, um município de 15.000 habitantes situado no sertão<sup>2</sup> da Bahia. Vive com os pais e três irmãos mais novos, na *fazenda*<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Professora da Unidade Acadêmica de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, PB Brasil. E-mail: verena\_seva@yahoo.fr.

<sup>2</sup> Sertão é a denominação dada à região onde se situa Aracatú e outros municípios e estados do nordeste brasileiro, que pactuam da baixa incidência de chuvas. Trata-se da área mais seca da região Nordeste, definida, pela eografia, como região semiárida ou mesmo sertão, em oposição a outras três paisagens naturais nordestinas: o meio-norte, prolongamento da Amazônia na região, o agreste, zona de transição entre o sertão e a Zona da Mata, a área mais úmida, já próxima ao litoral. Desde o início do século passado, o termo sertão ocupa um lugar importante dentro do imaginário nacional brasileiro. Uma forma de designar um território desconhecido, pobre e de clima seco, que se localiza no interior do país, numa oposição ao litoral, um lugar conhecido, que simboliza a riqueza.

<sup>3</sup> Fazenda é a forma local como são chamadas as propriedades de terra em Aracatú, BA, indistintamente utilizada, não importando o tamanho da propriedade. O argumento é no sentido de ser esse nome um resquício de uma

da família, de nome Baixa Escura, onde, também, em outras casas, vivem alguns tios paternos com seus filhos.

Todos os anos, durante os meses de maio a setembro, Reginaldo *sai*<sup>4</sup> de casa e segue para a colheita do café em fazenda localizada em Campinas, SP. Esse trajeto percorre há muitos anos; ainda quando criança, acompanhando os pais que se dirigiam para o trabalho no café, e, mais tarde, por volta dos 14 anos, também como trabalhador do café.

Em 2006, depois de finalizado o trabalho da colheita do café em Campinas, Reginaldo não voltou com seus conterrâneos para Aracatú. Foi primeiro morar na casa dos avós em Artur Nogueira, SP. Pouco tempo depois, tendo arrumado emprego num supermercado na vizinha cidade de Campinas, mudou-se para o alojamento da empresa, onde passou a residir durante a semana, retornando para a casa dos avós nos finais de semana. Essa fase de sua vida durou apenas alguns meses, até ter sido vítima de um roubo no alojamento onde vivia com outros colegas de trabalho, todos migrantes como ele. Depois disso, voltou a viver com os pais na *fazenda* de Aracatú e ter vida itinerante entre sua casa no sertão e a fazenda de café de Campinas.

Até 2007, era Jaime, pai de Reginaldo, quem *levava pessoas* de Aracatú para trabalhar na fazenda Monte D'Este, em Campinas. No ano seguinte, por causa de seu envolvimento com a política, Jaime afastou-se da lida do café, sendo eleito, em 2009, vereador em Aracatú. Durante o mandato político do pai, foi Reginaldo quem tomou frente no negócio de arrematar migrantes, ofício este que, em sua família, vem sendo transmitido de pai para filho.

---

época em que na região havia somente grandes propriedades, ou ainda, de uma época em que eram intensas as criações de animais, caprinos e bovinos, em áreas compartilhadas por várias famílias, no caso, nas fazendas. Utiliza-se a forma itálica de grafia toda vez que houver referência a essas fazendas de famílias camponesas em Aracatú, no intuito de diferenciá-las das fazendas de café do Sudeste brasileiro, onde membros dessas famílias trabalham temporariamente como empregados.

<sup>4</sup> Sair, no contexto pesquisado, significa deslocar-se fisicamente para viver e/ou trabalhar em outro lugar fora da *fazenda* em Aracatú. Entre camponeses de Sergipe, outro estado da região Nordeste brasileira, Klaas Woortmann encontrou também a expressão “sair” como esse mesmo significado de deslocamento migratório, e ainda outra expressão verbal, o “viajar”; enquanto “sair” faz referência a uma “emigração definitiva”, “viajar” revela um caráter temporário ou circular da migração, mais especificamente o que o autor classifica como “migração pré-matrimonial” (do filho) e “migração do pai” (WOORTMANN, 2009). Assim como outras palavras e expressões apreendidas durante pesquisa de campo, adotou-se grafar verbo sair em itálico toda vez que significar deslocamento migratório.

A trajetória de vida de Reinaldo, um rapaz ainda jovem, remete a processos migratórios históricos envolvendo famílias camponesas<sup>5</sup> em contextos rurais nordestinos (ANDRADE, 1980; GARCIA JÚNIOR, 1989; WOORTMANN, E., 1995; MENEZES, 1998; SILVA; MAM, 1999; SCOTT, 2009; WOORTMANN, K, 2009). Famílias camponesas e pobres do sertão nordestino, região brasileira de clima semiárido, com índices pluviométricos insuficientes para uma agricultura ou produção agropecuária viáveis. Um lugar carente de investimento público, ou mesmo privado, no sentido de implantação de projetos de contenção de águas de chuva e de irrigação para as lavouras. Um lugar onde os camponeses não conseguem o sustento para suas famílias e de onde precisam *sair* para comer e para viver.

Como muitos lugares do sertão brasileiro, Aracatú pode ser definido como um lugar de migrantes. Ter alguma vez *saido* ou ter algum parente, vizinho ou conhecido vivendo fora de casa é uma situação recorrente nas famílias do lugar. Tomando-se por base o ano de 2006, deixou o município, a cidade, em direção às fazendas de café da região Sudeste brasileira um contingente avaliado em 1.600 pessoas<sup>6</sup>, o que corresponde a 10% do total da população de um município de 15 mil habitantes (IBGE, 2000)<sup>7</sup>.

Trata-se de deslocamentos migratórios como práticas antigas, remontando três ou quatro gerações nas famílias de Aracatú. Não obstante práticas que se atualizam no tempo e no espaço, havendo mudanças quando à forma de migrar, aos lugares para onde se deslocam, e mesmo em relação aos membros da família que saem do sertão para trabalhar.

Nos dias atuais, o processo migratório em Aracatú vem se configurando dentro de um padrão. Há pessoas que *saem* para tentar a vida no estado de São Paulo, em especial nos municípios de Campinas

---

<sup>5</sup> Por “famílias camponesas”, entendem-se famílias que detêm pouca extensão de terra e uma produção agrícola quase que exclusivamente voltada ao consumo próprio, sendo poucos itens ou pouca quantidade o excedente produzido e eventualmente comercializado. Famílias que compõem o que Mendras (1978) denominou de uma sociedade camponesa, marcada por relações de proximidade e interconhecimento, por certa autonomia em relação ao mercado e com suas relações mediadas por poderosos locais.

<sup>6</sup> Trata-se de uma quantidade de migrantes auferido empiricamente durante pesquisa de campo. No ano de 2006, partiram de Aracatú 40 ônibus fretados. Considerando uma média de 40 passageiros em cada ônibus, chega-se à soma de 1600 trabalhadores migrantes neste ano.

<sup>7</sup> Cf. IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso 14 de jan 2010.

e Artur Nogueira, locais onde, há mais de uma década, vivem parentes e conterrâneos (os migrantes mais antigos), e outras que se deslocam temporariamente para trabalhar em fazendas de café no sul do estado de Minas Gerais e em Campinas. Portanto, um processo migratório pautado, básica e analiticamente, por duas formas de movimentação de pessoas no espaço: os deslocamentos de caráter temporário para o trabalho na colheita do café e os deslocamentos para os médios e grandes centros urbanos, com o intuito de nestes permanecer por um período de tempo maior que o de uma colheita, muitas vezes, por um período de tempo não determinado.

Porém, diversamente dos “camponeses-trabalhadores-migrantes” estudados por Marilda Menezes (2002), que, num momento inicial, deslocam-se do agreste paraibano para o corte da cana-de-açúcar na zona da mata pernambucana, e somente numa etapa posterior seguem para a região Sudeste do Brasil; em Aracatú, as duas formas de deslocamento migratório anteriormente mencionadas aparecem mescladas e justapostas nas trajetórias das famílias camponesas. Não existe uma sequência linear no sentido de um primeiro deslocamento servir como trampolim ou passagem necessária para se alcançar uma segunda etapa migratória. Há pessoas que *saem* de Aracatú para viver e trabalhar em Campinas ou em Artur Nogueira sem nunca ter trabalhado no café, assim como outras que, antes de fixarem residência nestas cidades, já estiveram na lida temporária em fazendas de café do Sudeste. Há também aquelas que, depois de anos de moradia no Sudeste, voltaram a morar na *fazenda* de Aracatú e continuaram a trabalhar no café do Sudeste durante alguns meses do ano.

Mas há um elemento permanente e constitutivo das diferentes modalidades migratórias, que são as redes familiares. Trata-se de redes tecidas e atualizadas no ir e vir dos migrantes entre os diferentes e distantes espaços geográficos percorridos. Redes que definem a forma, a direção ou mesmo a decisão de *sair para o mundo*. Pois não se *sai* para qualquer lugar, mas para onde há um conhecido, normalmente um parente, que, antes, ali chegou. Dentro de um ordenamento familiar (e camponês), os parentes que primeiro chegam a um “novo” lugar têm como obrigação, por exemplo, fornecer hospedagem aos parentes que vêm depois, bem como lhes facilitar a arregimentação de trabalho e, principalmente lhes oferecer um conforto afetivo para superarem as saudades de casa.

Por causa das redes preexistentes, o fora de casa não aparece aos migrantes como um lugar totalmente novo, como o *meio do mundo* verificado por Parry Scott (2009), em outro contexto nordestino, mas como um lugar noticiado através das redes e conhecido por intermédio dos parentes que, antes, ali chegaram.

Nesse sentido, refere-se às práticas migratórias configuradas como mais do que meros deslocamentos humanos no espaço, mas como “trânsito inserido numa rede de relações sociais” (DURHAM, 2004, p. 185). A literatura nacional e internacional que aborda o tema dos processos migratórios há algum tempo vem mostrando a ocorrência e importância das redes de relacionamento nesses processos (DURHAM, 1978; 2004; GARCIA JÚNIOR, 1989; SAHLINS, 1997a; SAYAD, 1997; 1998; MENEZES, 2002). São estudos, ademais, que se consagraram por se contraporem ao argumento anterior de que os deslocamentos migratórios levariam a uma ruptura do migrante com sua família e seu lugar de origem.

Dentro do processo migratório ora analisado, as redes atuam como condição de possibilidade para outros deslocamentos. Também, por meio das redes tecidas nesse ir e vir, que as pessoas que estão morando fora das *fazendas* do sertão continuam ligadas a seus parentes e a sua terra natal. Nesse sentido, a identificação dos migrantes com o seu grupo de origem (ou com a região ou país de origem) mostra-se fundamental para a constituição das redes de relações entre os migrantes no novo espaço social, chamado corriqueiramente de local de destino (SAHLINS, 1997a; 1997b; SAYAD, 1998; MENEZES, 2002; MANDANI, 1998).

Por fim, pode-se pensar numa lógica camponesa que estaria presente na constituição e na organização das práticas migratórias em famílias camponesas. Isso correspondendo a uma estratégia histórica camponesa de buscar fora de casa recursos para a reprodução da família (GARCIA JÚNIOR, 1989; WANDERLEY, 2001), ou mesmo no sentido de uma prática que ultrapassa a seara das estratégias econômicas ou materiais, conformando-se enquanto práticas rituais constitutivas de um modo de vida camponês, como é o caso da “migração do pai” ou da “migração para casar”, que refere Klass Wortmann (2009).

Neste texto, que é parte da pesquisa de doutoramento intitulada “*Sair pelo mundo: a conformação de uma territorialidade camponesa*” (NOGUEIRA, 2010), o foco na “migração para o café”, ou seja, no ir e vir de camponeses entre suas *fazendas* de Aracatú e os cafezais do Sudeste do Brasil, consiste em homens e mulheres, rapazes e moças, e até mesmo crianças, que deixam suas terras (*fazendas*) em Aracatú, viajam cerca de mil quilômetros de ônibus fretados até o sul de Minas Gerais e Campinas, ambas na região Sudeste do Brasil, e, nestes lugares, passam cerca de quatro meses (de maio a agosto) morando em alojamentos no interior das fazendas de café ou, em menor proporção, em casas da periferia urbana dos municípios próximos aos cafezais. No sul do estado de Minas Gerais, as fazendas de café estão concentradas na região de Poços de Caldas, basicamente nos municípios de Ibiraci, Alfenas, Paraguaçu e Machado. Em Campinas, há somente uma fazenda cafeeira que recebe todos os anos *turma* de trabalhadores migrantes provenientes de Aracatú, que é a Monte D’Este.

#### “MIGRAÇÃO PARA O CAFÉ”: OS QUE VÃO E OS QUE FICAM

*Sair para o café*<sup>8</sup> é uma prática a que recorre grande parte dos moradores de Aracatú para *ganhar a vida*<sup>9</sup>. No campo, as *saídas* para o café são onipresentes, ficando para trás um lugar vazio, lugar que é *só solidão*. Durante o tempo da colheita do café, uma grande parte das casas do sertão é fechada e nas, poucas que permanecem abertas, ficam apenas um ou dois moradores. Em relação aos que partem, há sempre um familiar ou vizinho que fica para tomar conta das crianças pequenas e dos idosos, do rebanho, da criação e da *roça*, bem como de outros afazeres que não podem ser interrompidos durante a colheita do café.

O tempo de *sair para o café* é definido pelo período das colheitas do café na região Sudeste, que é um tempo do outro, do fazendeiro do café. A organização do trabalho nas *fazendas* de Aracatú obedece ao compasso das *saídas* e retornos para o café. Dentro do permitido pelas leis da natureza e dos recursos disponíveis, as famílias planejam o plantio e a colheita das culturas agrícolas em suas *fazendas* fora do período em que a maior

<sup>8</sup> Sair para o café é uma forma específica de sair (expressão já mencionada) que tem como destino as fazendas de café do Sudeste brasileiro.

<sup>9</sup> Forma coloquial, e muito utilizada em Aracatú, que significa ganhar dinheiro para viver.

parte de seus membros está na colheita do café (entre setembro-outubro e março-abril); há famílias que optam inclusive por não *botar roça* num ou noutro ano, e viver somente do salário recebido na colheita do café. Por contraparte, é frequente a utilização de parte deste “dinheiro do café” para a compra de sementes, adubos, agrotóxicos, ferramentas de trabalho e outros bens a serem utilizados na própria *fazenda* do sertão, nas roças, na criação e no pequeno rebanho.

Portanto, se de um lado, o processo migratório obedece a um “tempo biológico”, do ciclo vegetativo do café; de outro, existe outro tempo, o “tempo do café”<sup>10</sup>, que, embora relacionado ao primeiro, é também articulado e redimensionado por outros tempos da vida social. Um tempo que não é somente cronológico e biológico, definido pelo calendário das colheitas de café, mas um tempo de espera, de solidão, de saudades e de coragem. Um tempo que parece parar a vida no sertão, que somente revive com o regresso dos migrantes, das festas, das aulas, das plantações, da construção das casas, do movimento no comércio, enfim, da vida social em sua plenitude.

---

<sup>10</sup> Trata-se aqui de uma noção de tempo que dialoga com outros tempos analisados pela literatura antropológica desde o clássico “Os Nuer” onde Evans- Pritchard ([1940]2002) remetendo a duas temporalidades nativas determinadas: o “tempo ecológico” e o “tempo estrutural”. O primeiro decorre das relações do grupo com o meio ambiente e o segundo das próprias relações dos indivíduos entre si. Um tempo que Marcel Mauss define como marcador da vida social. Em seu ensaio “Sur les variations saisonnières des sociétés Eskimós ([1904] 2003), identifica formas de sociabilidade relacionadas basicamente com duas estações do ano: “verão” e “inverno”, duas estações que se relacionam e marcam distinções em aspectos fundamentais da vida social, como na vida moral, jurídica, religiosa e na doméstica. Também um tempo social que Norbert Elias (1998) tem como desvinculado de um dado da natureza independente do ser humano, o significando como um quadro de referência que organiza os acontecimentos, as fases e os fluxos nos grupos humanos. Já numa literatura nacional mais recente, há o “tempo da política”, categoria que Moacir Palmeira (2002) identificou como nativa entre populações camponesas do Nordeste brasileiro, e que nomeia um período de subversão no cotidiano dessas populações, onde se observa um rearranjo nas posições sociais. Por fim, mas sem a pretensão de esgotar as aparições da categoria tempo na literatura, tem-se o “tempo de acampamento”, categoria encontrada entre os sem-terra identificados e a analisados por Nashieli Loera (2009), que funciona como um código social que organiza e ordena as relações no “mundo das ocupações de terra”, no Brasil.

Nessa “migração para o café” embrenham-se tanto homens como mulheres, casadas ou solteiras<sup>11</sup>, e até crianças<sup>12</sup>. O casamento não corresponde, como antes, a um passaporte para que moças e mulheres casadas deixem as *fazendas* do sertão, sendo as mesmas aceitas quase que indistintamente nas *turmas* de migrantes. Não obstante, há famílias que continuam a exigir que as moças<sup>13</sup> sejam acompanhadas do pai ou de um irmão, e as mulheres casadas de seus maridos. Do lado de quem emprega, poucos são os fazendeiros do café que fazem algum tipo de objeção ao trabalho feminino, considerando-o, inclusive, mais diligente que aquele realizado pelos homens.

No que se refere ao trabalho dos rapazes e moças no café, considera-se que com dezesseis anos - quando se tornam capacitados legalmente perante a lei brasileira -, estão *formados* para a lida no café<sup>14</sup>. Nesse caso, a maioria trabalhista, uma prescrição legal ditada pelo Poder Público, é incorporada e reelaborada pelas famílias, que, a partir disso, definem os seus membros que já podem *sair* para trabalhar fora de casa e aqueles que não devem ainda partir. O fato de haver jovens em idade escolar, e no meio do período letivo, não tem muito peso na decisão de sua ida para o café. No contexto analisado, o calendário escolar é modificado para que os alunos que *saem para o café* possam continuar a estudar.

---

<sup>11</sup> Maria Aparecida Moraes Silva (1989) distingue a migração de mulheres para a colheita do café daquela para os canaviais. Assinala que somente nos cafezais aparece a “ajuda” dos filhos pequenos, que com suas mães “*dividem o pano*”, bem como o costume das mulheres de carregar consigo bebês de colo, muitos ainda mamando no peito, e de deixá-los embaixo dos pés do café enquanto trabalham. Observa a autora, que a situação muda quando os deslocamentos são dirigidos aos canaviais, para onde as mulheres somente podem ir sem filhos, sem crianças, o que também nos mostra Silva Mam (1989) e Pereira (2007).

<sup>12</sup> Nota-se nos últimos anos uma sensível diminuição do número de crianças que acompanham seus pais, em especial as mães, nos cafezais do Sudeste. Por um lado, a cada ano diminui o número de fazendas de café que admitem a presença de crianças em seus alojamentos, como decorrência da crescente formalização dos contratos de trabalho e da maior fiscalização do trabalho. Por outro lado, e provavelmente o motivo central da diminuição da ida de crianças para os cafezais, foi a implantação do programa Bolsa-família pelo Governo Federal, que prevê o pagamento de um benefício financeiro mensal a famílias carentes. Pois, como requisitos para o recebimento desse benefício, além da comprovação da situação de carência econômica da família, é exigido dos pais que levem seus filhos regularmente aos Postos de Saúde e que assegurem a eles uma frequência mínima à escola. No caso da “migração para o café”, o período da colheita, que pode chegar a três meses, ultrapassa o número máximo de dias que os estudantes podem ficar fora da escola, segundo os requisitos do citado programa.

<sup>13</sup> Moças é a forma local como se denominam mulheres solteiras.

<sup>14</sup> Nesse caso, a maioria trabalhista, uma prescrição legal ditada pelo Poder Público, é incorporada por essas famílias e por elas reelaborada, passando a fazer sentido para a própria dinâmica da família, que, a partir disso, definem os que já podem migrar e aqueles que não devem ainda partir.

Mas há os que não *saem* para o café, os que ficam nas *fazendas*: as crianças, os idosos, os inválidos, os que *têm mérito* e os que *não têm coragem*. Não vão para o café por causa da pouca ou avançada idade, porque não têm condições físicas ou mentais, os deficientes e os doentes; também, não saem os que *têm mérito*, ou seja, uma pequena elite local formada por filhos de famílias abastadas ou por funcionários públicos.

E para *sair* é preciso também ter coragem. Coragem de *sair pelo mundo*<sup>15</sup> e deixar a casa e os filhos para trás, de trocar um cotidiano conhecido no sertão onde se é “senhor” de sua vida, e principalmente de seu tempo de trabalho, pelo de um trabalhador rural temporário, que passa a laborar infindáveis horas que se transforma o tempo nos cafezais e que sofre em alojamentos frios e improvisados, onde vivem precariamente durante dois ou três meses. Trata-se de uma ideia de coragem associada com a de sofrimento; somente os que têm coragem para sofrer partem, os que não a têm *ficam parados*. Não *saem* para o café, ficam parados no tempo e no espaço, no compasso de espera dos que *sairam*, ficam *tristes* como o sertão.

Porém sofrimento existe também para os que ficam, que precisam enfrentar a solidão das *fazendas vazias*, lugares *tristes*, onde *o tempo não passa nunca*. Para os jovens ficar representar separar-se dos amigos e dos namorados que *sairam* não somente para trabalhar, mas também, como dizem, para *dar um passeio pros lado do café*, e ficar, na Bahia, só com os velhos e com as crianças, quase sempre é um aborrecimento nessa fase da vida.

De forma análoga ao que acontece com a produção agrícola e com a criação nas *fazendas sertanejas*, as *saídas para o café* pautam a organização das famílias camponesas de Aracatú, sendo várias as “combinações de estratégias de uso diversificado da mão de obra familiar” (SCOTT, 2009, p. 245). Um exemplo disso é o acionamento das redes familiares e de vizinhança visando a encontrar alguém para cuidar das pessoas e das coisas que ficam, uma prática presente em contextos camponeses regidos por relações de proximidade e interconhecimento (MENDRAS, 1978).

---

<sup>15</sup> Outra expressão local que denomina deslocamento migratório.

## OS ARREGIMENTADORES DO CAFÉ

A “migração para o café” não se faz individualmente ou em pequenos grupos de parentes e vizinhos, como acontecia nos anos 1970, quando os migrantes se aventuravam pelo “meio do mundo” (SCOTT, 2009). Trata-se mais propriamente de um negócio organizado, que tem o arregimentador de migrantes<sup>16</sup> como figura central. É este quem segue na frente e faz o contato com os fazendeiros do café do Sudeste que demandam mão de obra temporária para seus cafezais; na sequência, ele volta à Aracatú, reúne sua turma de migrantes e organiza a viagem até os cafezais.

O arregimentador de migrantes é sempre um conterrâneo dos migrantes, um parente, um vizinho ou conhecido que age como um intermediário entre eles e os fazendeiros do café. Sua função é reunir os trabalhadores e levá-los para os cafezais, com os quais permanece durante o tempo da colheita, como o responsável pela *turma*. Ele não costuma trabalhar diretamente na colheita, embora, eventualmente, possa realizar também esta função quando necessário.

O pagamento dos trabalhadores da *turma* não é feito pelo arregimentador, função que cabe ao fazendeiro ou a um encarregado deste, mediante a apresentação dos vales<sup>17</sup>. Suas atribuições diferem, ainda, das do fiscal, um funcionário da própria fazenda e responsável pela escolha da área do cafezal a ser trabalhada, pela pesagem da colheita e pelo preenchimento diário dos vales para o pagamento dos trabalhadores.

Por isso, diferentemente dos fiscais, do gerente ou de qualquer outro funcionário da fazenda de café, o arregimentador é também migrante, embora ocupando um lugar hierárquico mais elevado. Assim como os demais integrantes da *turma* de migrantes o arregimentador é remunerado diretamente pelo dono da fazenda de café (ou por seus encarregados). Contudo, enquanto os primeiros têm o valor de sua remuneração calculada sobre a quantidade de café colhida, o arregimentador recebe um percentual

---

<sup>16</sup> Embora muitas sejam as denominações que recebem as pessoas que arregimentam pessoas para o trabalho migrante temporário como, por exemplo, “gato” ou “turmeiro”, no contexto analisado, não havia uma única ou principal denominação que justificasse sua utilização neste texto. A opção, diante disso, foi utilizar uma denominação para este ofício, que é a de “arregimentador de migrantes”.

<sup>17</sup> Os migrantes recebem diariamente do fiscal da fazenda um vale atestando a quantidade de café colhida.

sobre a quantidade total do café colhido, valor sempre mais elevado que o recebido pelos primeiros.

Analogamente ao referenciado pela literatura, em outros contextos migratórios (MACHADO, 1992; SILVA, 1999; SILVA, 2005), os arregimentadores de migrantes de Aracatú, normalmente, têm suas trajetórias de vida relacionadas ao trabalho rural. São de famílias camponesas que trabalham, ou já trabalharam, parte da vida com atividades agrícolas.

Ademais, como já mencionado na parte introdutória, o trabalho de arregimentar migrantes é um ofício que se transmite de pai para filho. Assim acontece há três gerações na família de Reinaldo. Primeiro, seu avô, depois, seu pai e tios, e, agora, ele que começa a *levar gente para o café*.

O avô de Reinaldo, seu Zé Mascate, começou a ser arregimentador de migrantes nos anos 1950, tornando-se, nos anos 1970, um dos mais prestigiados e ativos do ramo, em Aracatú. Uma notoriedade que guarda relação com o grande número de migrantes que agenciou para trabalhar fora de Aracatú, com o longo período que exerceu esse ofício e por ter sido um pioneiro em *localizar*<sup>18</sup> aracatuenses na região de Artur Nogueira, SP, lugar fora da Bahia onde mora um grande número de famílias de Aracatú. Nos anos 1970, seu Zé Mascate começou a levar aracatuenses para o trabalho na colheita de laranja e algodão, na região de Artur Nogueira. Findas as colheitas nesta região, *uma grande parte retornou*, mas *uma pequena parte* ficou em Artur Nogueira, e *deu continuidade, foi trabalhando, foi desenvolvendo*. Foram esses que não retornaram, os primeiros aracatuenses que habitaram Artur Nogueira, e, depois, Campinas e outros municípios da região.

Atualmente, seu Zé Mascate está “aposentado”<sup>19</sup> do ofício de arregimentar migrantes, conquanto continue atuante nos bastidores, cultivando suas relações com alguns fazendeiros do café, que continuam a demandar-lhe trabalhadores temporários, e transmitindo tais referências para os novos arregimentadores de sua família. Durante o “tempo do café”,

---

<sup>18</sup> *Localizar* é uma expressão verbal utilizada por alguns arregimentadores que quer dizer alocar “sua” *turma* para trabalhar num dado local: numa região, numa fazenda, ou, ainda, num tipo de atividade, como, por exemplo, a colheita de laranja, café ou algodão.

<sup>19</sup> Estar aposentado significa, no dizer local, estar afastado, depois de muitos anos, do trabalho de chefe de *turma*, e não necessariamente estar recebendo o benefício da aposentadoria.

seu Zé Mascate não (mais) segue para os cafezais do Sudeste para tomar conta das *turmas* de migrantes, mas muda-se, com a esposa, de sua casa de Artur Nogueira, para sua casa na *fazenda* de Aracatú. Assim procede para cuidar da *fazenda* da família em substituição aos dois filhos que todos os anos *saem* para o café. Filhos para os quais ensinou e passou seu ofício. Um deles é Jaime, pai de Reinaldo.

*Zé Mascate: O Jaime tem 11 anos que eu coloquei ele na fazenda Monte D'Este, em Campinas, chegando em Campinas; e ele traz, ele trazia 100 pessoas, depois a passagem ficou cara, que é a fazenda que paga, aí ele diminuiu trazer 60, 50 e aí intera aqui 80 pessoas.*

*Entrevistadora: E como é que se organiza, os fazendeiros já conhecem as pessoas e aí eles...?*

*Z: Os fazendeiros conhecem a nós, principalmente, né. Então, através de nós manda nós trazer tantas pessoas, e aí a gente pega as pessoas e já traz. Lá classifica as pessoas melhor de serviço e já traz pra eles. Aí essas fazendas, que nem essa fazenda que Jaime trabalha aqui [Monte D'Este, em Campinas], o fazendeiro dá passagem pra buscar e dá pra levar. Porque eles ganha só paga mesmo as despesas de fora.*

*(Entrevista com Zé Mascate, Artur Nogueira, março de 2007).*

Depois de seu Zé Mascate e de seu filho Jaime, o ofício de arregimentar migrantes chega à terceira geração na família, com o ingresso de Reinaldo, o primogênito de Jaime, no “negócio” familiar. Isso aconteceu em 2008, quando Jaime foi eleito vereador em Aracatú. Em seu lugar, colocou Reinaldo, então, com 20 anos, que, sob sua supervisão, passou a chefiar o *peçoal do café*. Porém, mesmo antes de Reinaldo ter-se tornado o chefe da *turma*, já havia trabalhado durante alguns anos na mesma fazenda de Campinas, tendo o pai como seu chefe e professor.

Os arregimentadores de migrantes começam trabalhando para outras pessoas e, depois, mudam de categoria, passando de trabalhadores de *turma* a uma posição hierarquicamente superior, dotada de maior prestígio e poder, que é a de chefe da *turma* (ou de arregimentador de migrantes). Porém essa passagem não é fácil para todos, ou, ao menos, é mais difícil para uns que para outros. Para os “novatos” no ofício, ou seja, para aqueles que não possuem pai ou parente próximo que lhes transmita o ofício, essa passagem mostra-se mais difícil e demorada.

Para ser um arregimentador de migrantes é necessário ter uma relação direta com os proprietários das fazendas de café (ou com seu gerente) para onde se pretende levar os migrantes. Relações que chegam a durar vários anos e são responsáveis pelos sucessivos retornos de “sua” *turma* às mesmas fazendas, criando-se uma espécie de exclusividade de mercado para os que já são chefes de *turma* em relação aos “novatos”. Por isso, para o ingresso dos “novatos” no ofício é exigida sua inserção nas redes tecidas entre as famílias “veteranas” no ofício e os fazendeiros do café, ou, ao menos, que eles próprios tenham novas redes, caminho bem mais difícil que o trilhado pelos que herdaram o ofício de um parente mais velho. Transcreve-se, a seguir, o relato do ingresso de um “novato” no ofício de arregimentar migrantes.

*Primeiro eu fui dois anos em Ibiraci [Minas Gerais] trabalhar com um turmeiro com nome de Joel Fernandes. Aí trabalhei, fiz duas safras com ele, dois anos seguintes. Aí no outro ano, eu resolvi mudar de local, assim, de cidade. Fui pra Patrocínio, eu e meu padrinho Ildefonso. A gente foi sem rumo, não conhecia ninguém, falou assim “A gente vai lá ver se arruma um serviço lá”. A gente foi! Chegando lá, como a gente não tinha conhecimento, ficava difícil. Se informava de um, mas o pessoal desconfiava da gente porque já tinha passado muitas pessoas lá que já tinha, vamos dizer assim, colocado o patrão – com mais concreto – no pau. Trabalhava uma semana, depois queria direito de serviço. Então os patrão ficava com medo de pegar pessoas que não conhecia. Foi o que aconteceu com a gente. Aí, nós ficamos lá sete dias [...] Nesse ano a gente não conseguiu nada! A gente voltou pra trás sem arrumar serviço nenhum.*

*Depois que eu cheguei aqui de volta [em Aracatú], foi que eu tinha um tio meu, Lausino, que tava trabalhando lá, depois de Patrocínio, foi que me ligou que tinha uma fazenda lá que tava precisando de gente, se eu não queria levar.*

*Como eu já tinha feito essa despesa toda, Ildefonso disse assim “vamos levar”, aí nós pegamos um bocado de gente aqui, quarenta e cinco pessoas, e levamos. Chegando lá, foi uma negação. A gente pensou que a gente ia pra uma fazenda, morar na fazenda. Chegando lá, esse tio nosso tinha mentido pra nós que era pra fazenda. E nem era pra trabalhar pra um fazendeiro, era pra um gato<sup>20</sup>. Era o gato que tava precisando, não era o fazendeiro. Aí, nós chegamos nessa cidade, não tinha casa pra morar! Nós pensamos até voltar no mesmo ônibus pra aqui, porque o ônibus a gente tinha arrumado aqui em Aracatú. Nós ainda pediu ao rapaz do ônibus,*

<sup>20</sup> Note-se que “gato” nessa descrição é alguém externo às redes de relacionamento dos aracatuenses, uma terceira pessoa que se coloca como intermediário entre o arregimentador e o fazendeiro que emprega os migrantes.

*que era conhecido da gente, pra segurar um pouco pra ver porque se não desse, se não arrumasse casa, no meio da rua a gente não ira ficar, né?! Com quarenta e tantas pessoas, tinha até criança no meio!*

*Aí, esse gato saiu na cidade junto com esse Lausino, que é tio meu, que tava trabalhando com ele, foi que conseguiu duas casinhas. Nós ficamos em quarenta e cinco pessoas em duas casas! Assim, você não podia nem mexer. Inclusive no bairro que a gente morou, nem água tinha [...]. Todo dia passava o caminhão, pegava a gente, ia pra fazenda. A gente trabalhava com mais de mil pessoas. A fazenda era enorme! Só que não era desse gato. O gato trabalhava nessa fazenda, sabe? A gente pensou que a gente ia direto com o fazendeiro, porque a gente não... Se a gente soubesse daqui que a gente ia trabalhar com gato, nós não ia. Mas esse tio nosso falou que nós ia trabalhar direto na fazenda, morar na fazenda.*

*Ma até que deu pra gente ganhar um dinheirinho que deu pra ir embora.*

*Aí no outro ano eu voltei de novo, lá pra Patrocínio. Ai eu fui só. Ai eu cheguei lá, deu certo que eu conheci esse... Aliás, eu daqui de Aracatú, eu já fui com o telefone desse tal de Vitalino, que é esse que eu trabalhei sete anos. Ai, cheguei lá, liguei pra ele, deu certo que ele tava precisando de gente. Ai, a gente foi na fazenda, começamos a trabalhar. Ai fiquei com ele sete anos (Entrevista com Régis, motorista de ônibus escolar e agricultor, 37 anos, Aracatú, abril de 2008).*

Dialeticamente relacionado à posição social dos arregimentadores de migrantes, há o prestígio daquele que neste ofício é investido. De um lado, é preciso ter prestígio perante um grupo de migrantes (uma *turma*) para se tornar seu chefe; de outro, uma vez investido e atuante no ofício, tem-se seu prestígio perpetuado.

Os trabalhadores migrantes dependem dos arregimentadores para arrumar trabalho nas fazendas de café. Procurar lugar numa *turma* de migrantes é, portanto, a primeira providência necessária para *sair para o café*. Essa ação pode ser uma iniciativa dos próprios migrantes, que literalmente saem à procura de um arregimentador, como deste próprio que faz saber aos seus conhecidos, que procura pessoas para compor sua *turma*. De qualquer modo, o que importa é o fato da decisão final recair sempre no arregimentador, que tem o poder para decidir quem vai e quem fica.

Ter uma boa relação familiar, de vizinhança ou de proximidade com um arregimentador é a condição primeira para poder entrar numa

*turma*. Além disso, já ter trabalhado antes com um dado chefe, tendo cumprido diligentemente as obrigações de um bom trabalhador, aparece como condição para a renovação da sua vaga na *turma* do ano seguinte. A regra é a permanência, em anos seguidos, em *turmas* de um mesmo chefe, configurando-se uma espécie de fidelidade recíproca.

Inspirando-se nas análises de Lygia Sigaud (2004) acerca das relações entre os “moradores” dos engenhos e seus patrões, sugere-se existir, entre os arregimentadores e os trabalhadores migrantes que levam para a colheita do café, uma forma análoga de “dominação tradicional”<sup>21</sup> weberiana. Uma modalidade de dominação exercida em virtude da dignidade do arregimentador e reiterada pela tradição e fidelidade dos migrantes em relação a ele. Um tipo de dominação pautada por valores morais e éticos<sup>22</sup> característicos de sociedades camponesas, nas quais predominam as relações de interconhecimento e de proximidade.

Nesse sentido, há uma relação de dominação que nem sempre é percebida pelos migrantes, seja porque o arregimentador é alguém que lhes é próximo, a quem chamam pelo nome<sup>23</sup>, alguém da família ou da vizinhança, seja por ser alguém que lhes proporciona uma vida melhor à medida que lhes arruma trabalho remunerado. Pode-se falar mesmo num sentimento de dívida dos migrantes em relação aos “generosos” arregimentadores, em razão da ajuda que deles recebem. Ajudas não encaradas como obrigações, mas como dons e que balizam e perpetuam o prestígio e o poder dos arregimentadores perante os migrantes, seus familiares e toda uma população que deles depende para *ganhar a vida* fora do sertão.

Ademais, o prestígio e o poder dos arregimentadores permeiam praticamente todas as esferas sociais de Aracatú. Ele não é somente aquele que *leva gente para o café*, mas é também um parente ou vizinho que tem ascensão sobre os demais. Não é raro, por exemplo, situações como a de

---

<sup>21</sup> Cf. Max Weber (1964), a respeito dos três tipos de dominação: legal, tradicional e carismática.

<sup>22</sup> Sobre o tema da autoridade moral dos arregimentadores de migrantes, ver também Menezes (1998).

<sup>23</sup> Embora escolhida a opção pelo termo arregimentador para referir-se, no texto, àquelas pessoas que reúnem os migrantes e os conduzem para o trabalho nos cafezais, observa-se que este termo não é o corrente dentre as famílias de Aracatú (o mesmo não ocorrendo com o termo “gato”, tão presente em outros contextos e situações migratórias brasileiras). O mais comum em Aracatú é chamar essa pessoa (o arregimentador de migrantes) pelo seu próprio nome, que, como mencionado anteriormente, é uma expressão da relação de proximidade que existe entre esses e os trabalhadores de sua turma.

Jaime, pai de Reinaldo, que de arregimentador ascende a cargos políticos no local de origem.

Portanto ser arregimentador ou chefe de *turma* de migrantes é tornar-se “chefe de turma”, é deixar a categoria de trabalhador agenciado por outrem para se tornar aquele que leva “sua” própria *turma* para o café. Um ofício aprendido na prática e que, não raro, é um “negócio de família”. Um ofício rodeado de prestígio, poder, obrigações e dons.

## A LIDA E A VIDA NO CAFÉ

Depois de acertado com um arregimentador a vaga na *turma* que em breve irá para o café, o próximo passo é ajeitar a bagagem. O embarque acontece na sede urbana de Aracatú, onde, no dia marcado para a viagem, pode-se ver, desde bem cedo, migrantes e suas muitas malas, sacolas, caixas, latões<sup>24</sup> e colchões. Levam roupas, apetrechos para cozinha e para alimentação nos cafezais, como garrafas e marmitas térmicas, mantimentos para a viagem e primeiros dias no alojamento e, por fim, mas não menos importante, os presentes para os parentes que moram em *São Paulo*<sup>25</sup>.

São muitas as fazendas de café onde trabalham aracatuenses, a maioria delas localizada no sul de Minas Gerais, nos municípios de Machado, Paraguaçu e Ibiraci. Outros aracatuenses, nunca mais de oitenta ou cem pessoas nos *anos bons*<sup>26</sup>, integram a *turma* que segue para a fazenda Monte D’Este em Campinas, SP. Jaime, pai de Reinaldo, é o chefe da *turma*, que, há mais de uma década, leva moradores de Aracatú para os cafezais de Campinas, mais especificamente para a fazenda Monte D’Este. Há uma relação de confiança entre o gerente desta fazenda e Jaime, que

<sup>24</sup> Nesses latões, os aracatuenses transportam carnes de porco ou de bode salgadas para serem consumidas nos alojamentos e, principalmente, para serem dadas aos parentes que moram fora.

<sup>25</sup> Ao mencionarem São Paulo, os interlocutores estão se referindo a cidades do interior do estado, especialmente Campinas e Artur Nogueira, esta alcunhada também de ‘Artur Baiana’, e não exatamente (ou somente) a capital, esta, aliás, destino atualmente pouco procurado pelos aracatuenses. Nesse sentido, utiliza-se a denominação neste texto. Utilizado neste sentido, o termo São Paulo tem um significado análogo ao termo Sul, trazido por Afrânio Garcia Júnior (1989), em sua pesquisa realizada com migrantes paraibanos, ou seja, refere-se a um local na região Sudeste brasileira, para onde se costuma migrar em busca de melhores condições de vida, em especial, de um trabalho remunerado, e, ainda, um local interligado com o de sua região de origem por redes de relações formadas entre os migrantes e os que ficaram.

<sup>26</sup> Ano bom é aquele em que a produção de café foi boa, e quando há mais trabalho disponível aos trabalhadores migrantes.

garante ao segundo exclusividade como arregimentador de migrantes para o local, relação existente também entre Jaime e os conterrâneos que compõem sua turma, que pouco se alternam de um ano ao outro.

As *turmas* de migrantes que rumam para uma determinada fazenda de café são constituídas comumente por grupos familiares ou de vizinhança. Na *turma* que *sai* todos os anos para fazenda de Campinas, esses pequenos grupos transparecem, por exemplo, na forma como ficam alojados na fazenda.

A disposição no alojamento dos migrantes obedece, sempre que possível, ao critério familiar. Em cada habitação, ou em cada quarto localizado em seu interior, dormem e comem juntas pessoas de uma mesma família extensa. Outrossim, pertencer a uma *fazenda* específica de Aracatú é outro critério que pode definir os companheiros de alojamento, mesmo porque é comum a coincidência entre um mesmo grupo familiar e uma mesma *fazenda* de origem. Há ainda, contextos em que as pessoas, embora de uma mesma família, sejam provenientes de diferentes *fazendas*<sup>27</sup>, no entanto ficam alojadas numa mesma casa ou mesmo quarto, prevalecendo nestes casos o fator parentesco.

Quando há rapazes que se deslocam sem seus pais, ou homens casados sem as respectivas esposas<sup>28</sup>, o mais comum é se agruparem em quartos separados ou, em havendo muitos migrantes nessa condição, em uma mesma habitação, distinta das outras onde ficam alojados grupos familiares.

A lida nos cafezais acontece de segunda a sábado. Salvo situações excepcionais como, por exemplo, quando há atraso na colheita e os dias de folga ficam prejudicados, os migrantes têm o descanso semanal aos sábados à tarde e aos domingos. Dias de descanso que para as mulheres significam

---

<sup>27</sup> O fato de haver pessoas de uma mesma família provenientes de diferentes *fazendas* é uma decorrência das transações fundiárias que as famílias sempre realizaram em Aracatú (local de origem), práticas estas que fazem parte de suas estratégias de vida, que são muito comuns quando há filhos em vias de casar que precisam de novas terras para morar e trabalhar, no sentido mesmo do adágio popular “quem casa, quer casa”.

<sup>28</sup> Os casos encontrados de homens casados que *sairam* sozinhos são aqueles em que as esposas ficaram na Bahia, inexistindo situações em que o marido e mulher viajam separadamente, em diferentes *turmas*, para diferentes fazendas de café. Portanto, se a mulher migra, o que é comum dentre as famílias de Aracatú, é sempre acompanhada do marido ou de outros parentes quando é este quem não *sai*.

dias de trabalho mais intenso nos alojamentos, pois é quando se dedicam aos afazeres domésticos que não tiveram tempo de realizar durante a semana.

No primeiro sábado após o recebimento do salário, os migrantes costumam *fazer feira* em Campinas, ou seja, comprar alimentos e artigos de limpeza indispensáveis à manutenção nos alojamentos.

O domingo é também o dia reservado para receber, nas fazendas de café<sup>29</sup>, a visita de parentes e conterrâneos de *São Paulo*. Os alojamentos de migrantes aparecem como os lugares onde preferencialmente ocorrem esses encontros. Isso se explica, de um lado, porque são lugares no interior das fazendas de café onde os trabalhadores migrantes têm permissão para receber visitas, mas, de outro, porque os alojamentos acabam se estruturando, mesmo que temporariamente, como um lugar da família e, sendo assim, o lugar de receber visitas. Desta feita, de um lugar de trabalho nos dias de semana, a fazenda de café (ou ao menos os alojamentos de migrantes no interior destas) transforma-se num lugar de encontro de parentes.

Durante as visitas, há sempre trocas de presentes e, principalmente, de notícias, de cá e de lá. Para os parentes de *São Paulo* os “migrantes do café” trazem presentes da Bahia, constituídos basicamente por gêneros alimentícios produzidos na própria *fazenda* da família, ou comprados nos mercados e feiras de Aracatú. Presentes dotados de um significado mais amplo que o de bens materiais, pois são capazes de transportarem consigo um pouco do sertão para aqueles que de lá, há mais tempo, *sairam* (os parentes de *São Paulo*). Num sentido contrário, os “migrantes do café” são presenteados pelos visitantes com artigos adquiridos em casas comerciais de Campinas e região, normalmente itens de vestuário e artigos para casa.

Finalizado o período de trabalho nos cafezais, a última semana antes de retornar às *fazendas* da Bahia fica reservada para as visitas às casas dos parentes de *São Paulo*, em Campinas e em Artur Nogueira. Uma semana que é também dedicada às compras. Adquirem no comércio local produtos para si e para presentear familiares e vizinhos que ficaram em Aracatú. Roupas, sapatos, lençóis e toalhas são alguns dos itens comuns

---

<sup>29</sup> No caso das fazendas do sul de Minas Gerais, por serem mais distantes de Campinas e Artur Nogueira, onde vivem os parentes de *São Paulo*, as visitas costumam chegar no sábado e pernoitar nos alojamentos junto com os migrantes do café.

em suas sacolas de compras, ao lado dos aparelhos de som, televisores, aparelhos de DVD e telefones celulares. Presentes estes que devem ser compreendidos como dádivas, dadas, recebidas e retribuídas dentro de um sistema familiar – e camponês – de trocas obrigatórias (MAUSS, 1988). Trocas que se apresentam como centrais à tessitura e atualização das redes familiares pelas quais circulam os presentes, e, principalmente, por onde circulam as pessoas em seus trajetos migratórios.

## CONCLUSÃO

As famílias camponesas de Aracatú convivem há mais de meio século com práticas migratórias. Nos movimentos de ir e vir pelo espaço, alguns de seus membros *saem* em direção a Campinas, Artur Nogueira e outras cidades do interior paulista, enquanto outros permaneceram nas *fazendas* da Bahia, como guardiões da terra familiar.

Desde a década de 1990, a “migração para o café” tem se tornado a principal modalidade migratória para as famílias camponesas, representando uma alternativa importante na manutenção da vida nas *fazendas* familiares do sertão. Com o dinheiro que auferem no trabalho temporário no café, *fazem a feira do ano*, que é como dizem que conseguem dinheiro para passar o ano todo no sertão.

Para os mais jovens, em especial, a “migração para o café” tem se configurado uma estratégia importante de ascensão à vida adulta. Um caminho migratório temporário que não exige o abandono indefinido da vida do sertão, pois, neste trabalho, ausentam-se de casa somente de três a quatro meses durante o ano – o “tempo do café”. Com o dinheiro que ganham no café, os jovens vêm conseguindo adquirir parcelas de terra, construir casa, *botar roça* e, a partir desses elementos, ser capazes, dentro de uma lógica camponesa na qual estão imersos, de constituir um novo núcleo familiar fora da casa dos pais.

Mas, para além de representar uma alternativa de trabalho e renda para as famílias camponesas de Aracatú, observa-se que suas práticas migratórias estão organizadas dentro de uma lógica própria a grupos e a sociedades camponesas, caracterizadas por relações de proximidade e

confiança, mediadas, muitas vezes, por poderosos locais, como é o caso do papel desempenhado pelo arregimentador de migrantes.

Por fim, e fechando uma espécie de ciclo analítico, a sugestão é que se comece a pensar as práticas migratórias camponesas como estratégias de reprodução de uma campesinidade, entendida como uma subjetividade e uma cosmologia presente em famílias camponesas (WOORTMANN, 1990; 2009). Uma “subjetividade” configurada para além de um modo de vida camponês, objetivado classicamente no trabalho da família camponesa e numa terra familiar, mas como uma lógica própria que rege não importa qual forma de trabalho e de vida camponesa. Isso aparece no contexto empírico ora analisado, onde famílias camponesas e migrantes deixam de trabalhar suas próprias terras, optando pelo trabalho assalariado e temporário em fazendas de café do Sudeste sem, contudo, deixarem de ser regidas por uma lógica camponesa, esta mesma que argumenta-se ser reproduzida no processo migratório vivenciado historicamente por essas mesmas famílias.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manoel Correia de Andrade. *A terra e o homem no Nordeste*. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.
- DURHAM, Eunice. Migrantes rurais In: THOMAZ, O. R. *A dinâmica da cultura – ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosacnaify, 2004. p. 181-201.
- \_\_\_\_\_. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- ELIAS, Nobert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- EVANS- PRITCHARD, E.Edward. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva, [1940]2002.
- GARCIA JUNIOR., Afrânio. *O sul: caminho do roçado – estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. São Paulo/Brasília: Marco Zero/Universidade de Brasília/MCT/CNPq, 1989.
- LOERA, Nashieli Rangel. *Tempo de Acampamento*. 2009. Tese (Doutorado em Filosofia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Campinas, SP, 2009.
- MACHADO, Eduardo. *Trajetórias da migração rural da Bahia*. 1992. Tese (Doutorado em Filosofia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Campinas, SP, 1992.
- MANDANI, Mahmood. *Ciudadano y súbdito. África contemporánea y el legado del colonialismo tardío*. México: Siglo XXI, 1998.

- MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70, [1923-1924]1988.
- \_\_\_\_\_. Essai sur les variations saisonnières des sociétés Eskimos. Étude de morphologie sociale In *SOCIOLOGIE e Anthropologie*. Paris: Quadrige, Presses Universitaires de France, [1904-05] 2003.
- MENDRAS, H. *Sociedades Camponesas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MENEZES, Marilda Aparecida. *Redes e enredos nas trilhas dos imigrantes: um estudo de famílias de camponeses-migrantes*. Rio de Janeiro/João Pessoa: Relume-Dumara/EDUEPB, 2002.
- \_\_\_\_\_. Interações sociais em alojamentos de trabalhadores migrantes (o caso dos 'corumbas' na plantation canavieira de Pernambuco). In: *XXII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS*, de 27 a 30 de outubro de 1998, Caxambu, MG, mimeo.
- NOGUEIRA, Verena Sevá. *Sair pelo mundo*. A conformação de uma territorialidade camponesa. 2010. Tese (Doutorado em Filosofia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Campinas, SP, 2010.
- PEREIRA, José Carlos Alves. *À procura de viver bem: jovens rurais entre campo e cidade / dissertação de mestrado*. Campinas, SP: [s.n.], 2007.
- SAHLINS, Marshall. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (Parte II). *Mana*, v.2, n.3, p. 103-150, 1997a.
- \_\_\_\_\_. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (Parte I). *Mana*, v. 1, n. 3, p. 41-73, 1997b.
- SAYAD, Abdelmalek. Elghorba: o mecanismo de reprodução da imigração In: SAYAD, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998. p. 25-44.
- \_\_\_\_\_. Uma família deslocada In: BOURDIEU, P. (Dir.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 35-51.
- SCOTT, Russel Parry. Famílias camponesas, migrações e contextos de poder no Nordeste: entre o "cativo" e o "meio do mundo" In: GODOI, Emília Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida; MARIN, Rosa Acevedo (Orgs.). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias*. São Paulo/Brasília, DF: Unesp/Nead, 2009. v.2. p. 245-267.
- SIGAUD, Lygia. Armadilhas da honra e do perdão: usos sociais do direito na mata pernambucana. *Mana*, v. 1, n. 10, p. 131-163, 2004.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Fundação editora UNESP, 1999.
- SILVA, Vanda Aparecida da. *Menina carregando menino...: sexualidade e família entre jovens de origem rural num município do Vale do Jequitinhonha (MG)*. 2005. Tese (Doutorado em Filosofia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Campinas, SP, 2005.

WANDERLEY, N. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO, João Carlos (Org.) *Agricultura familiar: realidades e perspectivas*. Passo Fundo- RS: UPE, 2001.

WEBER, Max. *Economía y sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1964.

WOORTMANN, Ellen. *Herdeiros, parentes e compadres: Colonos do Sul e Sitiantes do Nordeste*. São Paulo/Brasília: Hucitec-Edunb, 1995.

WOORTMANN, Klas. Migração, família e campesinato In: WELCH, Clifford Andrew *et al.* (Orgs.) *Camponeses Brasileiros: leituras e interpretações clássicas*, São Paulo/Brasília: Unesp/Nead, 2009. v.1. p. 217-238.

\_\_\_\_\_. Com parente não se neguecia: o campesinato como ordem moral. In: *ANUÁRIO Antropológico 87*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990. p. 11-73.